

A AUTORIA ABANDONADA

Diego Elias Baffi

Escrevo este artigo com o auxílio das reflexões de dois “não-autores”: Roland Barthes e Michel Foucault. Recorri a estes autores na medida em que, no decorrer de minhas intervenções como palhaço nas ruas de Campinas/SP (registradas na dissertação de mestrado “*Olha o Palhaço no Meio da Rua!*” *O Palhaço Itinerante e o Espaço Público como Território de Jogo Poético*, (UNICAMP, 2009), fui, pouco a pouco, sentindo que não era autor nem do meu processo de pesquisa. Curiosamente, quanto mais sentia abrir mão da autoria de minhas cenas, ensaios ou escritos, mais parecia adentrar em um território onde o exercício de minha arte se potencializava.

Reverendo a idéia de escrita como a *voz do autor*, Barthes e Foucault passam a considerá-la a “destruição de toda voz, de toda origem” (BARTHES, p.65), o processo de anulamento do autor. No lugar do autor como origem do texto, a linguagem ascende como produtora da literatura:

“(…) é a linguagem que fala, não o autor; escrever é, através de uma impessoalidade prévia (...) atingir esse ponto onde só a linguagem age, ‘performa’, e não ‘eu’” (idem, p.66)

Desta maneira, o autor não é visto como o ‘performador’ da linguagem, mas como uma instância através da qual o fluxo da linguagem, composto de todas as manifestações em que a linguagem se faz presente e que, por sua vez, afetam-se mutuamente pressionando sua continuidade em fluxo – atua, ou antes, se *atualiza*. O conceito de atualização é de Deleuze e é aqui usado no sentido de que a linguagem se faz presente, se (re)cria a cada produção literária, preservando-se como linguagem, mas sempre diversa em si, afetada pelas particularidades de tempo/espaço e relações nas quais se (re)cria. Nesse sentido, a linguagem não se repete a cada movimento da escrita, mas se atualiza neste processo.¹

Assim, a literatura deixa de ser expressão da subjetividade de um “eu”, e passa a expressar um plano que transcende a idéia de autor. E um texto se torna

“(…) um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escrituras variadas, das quais nenhuma é original: o texto é um tecido de citações, saídas dos mil focos da cultura.” (idem, p.68-9)

No gesto da escrita o autor é o ponto de *inscrição* de uma multiplicidade de movimentos da cultura, que o transcendem; é a vetorização desta multiplicidade num fluxo literário. O que constitui a variabilidade dos textos diz respeito à três pontos básicos:

¹ A opção por utilizar, neste texto, algumas expressões com o sufixo ‘re’ entre parênteses faz referência justamente ao conceito de *atualização* de Deleuze. Desta forma, o termo ‘(re)criação’ busca conter a idéia de que a recriação não acontece senão por um processo de diferenciação *em si*.

- a variabilidade de focos da cultura que pressionam cada *gesto de inscrição*
- a intensidade com que os focos da cultura se afetam mutuamente
- e as escolhas do sujeito que lhe possibilitam, nesse compósito: “mesclar as escrituras” fazendo-as “contrariar-se umas pelas outras, de modo a nunca se apoiar em apenas uma delas” (idem, p.69)

Nessa perspectiva, o autor deixa de ser aquele que precede a obra e que a produz segundo suas idiossincrasias e subjetivações para se tornar uma *função do discurso*, um vetorizador da multiplicidade da cultura através do qual se compõe e organiza um objeto literário. Nas palavras de Deleuze, o autor literário (e os artistas como um todo) seria aquele que *emoldura o caos*; nas palavras de Foucault:

“El es un cierto principio funcional gracias al cual, en nuestra cultura, se delimita, se excluye, se selecciona; en resumen, gracias al cual se impide la libre circulación, la libre manipulación, la libre composición, la descomposición y la recomposición de la ficción.”²

Tirando do autor a função de, no ato de produção literária, organizar um conhecimento prévio que só ele detém, revoga-se a idéia de um passado que o texto literário viria a concretizar. Escrever avizinha-se a um *performativo*

“forma verbal rara (usada exclusivamente na primeira pessoa e no presente), na qual a enunciação não tem outro conteúdo (outro enunciado) que não seja o ato pelo qual ela se profere.” (BARTHES p.68)

Este *performativo* terá sua concretização sempre no presente, no ato em que é proferida (ou lida, no caso dos textos literários). Em semelhança a uma forma *verbal*, construirá o seu sentido relacionando-se e reverberando a multiplicidade cultural presente no momento em que é proferida, em que é (re)criada. E onde ela é recriada senão no leitor:

“(…)o leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que é feita uma escritura; a unidade do texto não está em sua origem, mas no seu destino, mas esse destino não pode mais ser pessoal: o leitor é um homem sem história, sem biografia, sem psicologia; ele é apenas esse *alguém*

² Foucault realizou diversas conferências com o título “O que é um autor?”. Este trecho está presente em <http://docs.google.com/gview?a=v&q=cache:3-31qGVOJ04J:netart.incubadora.fapesp.br/portal/midias/foucault.pdf> consultado em 31.08.2009.

que mantém reunidos em um único campo todos os traços de que é constituído o escrito.” (idem, p.70)

É o leitor, não como indivíduo biográfico, mas como processo de leitura que (re)construirá os vínculos do texto proferido com a multiplicidade cultural que os pressionaram e os pressionam (leitor e texto) no momento da leitura. O campo que o *alguém* leitor vislumbra não é constante, está permanentemente sendo atualizado e (re)criado e não existe para além da leitura. O processo de leitura em si é o vislumbrar deste campo.

Desta forma a concretização de um texto literário passa a ser entendida como consequência do fluxo da linguagem, derivado da multiplicidade da cultura num processo de inscrição literária que ocorre através da figura outrora denominada ‘autor’. O leitor, por sua vez, existe somente no presente, no processo de leitura, no encontro e (re)criação dos vínculos com aquela multiplicidade agora atualizada.

Mas, se esses autores falam de literatura, vejamos de que forma poderíamos nos utilizar de suas reflexões para problematizar a autoria de um acontecimento artístico:

Em minha experiência – descrita na dissertação de mestrado supracitada – uma das primeiras questões com as quais me deparei levou-me justamente ao pensamento sobre a autoria: vinha da sensação, corriqueira entre artistas cênicos, de que o *encontro* entre o artista e o público não bastava à construção de um objeto artístico, não lhe é suficiente.

Mais do que o encontro em si, parece ser necessária uma *potência de encontro*, que gere uma *intensidade* ímpar, que não se conserve apenas no artista cênico, mas afete também os demais elementos envolvidos *no* e *pelo* encontro. E é então que, a partir de Deleuze, nos será útil o conceito de *acontecimento*.

A compreensão do *acontecimento* – encontro intensivo singular ou coletivo onde há um processo de subjetivação que prescinde do sujeito (Ferracini, 2006, 140, passim) – será aqui o gancho para que a variabilidade de resultados artísticos possíveis a partir de um hipotético encontro entre artista e público vincule-se à problematização da idéia de autoria nas artes cênicas.

Dito nesses termos, não bastaria à constituição de um objeto artístico, promover o encontro entre o artista cênico e um externo – seja ele o espaço e seus elementos, o tempo presente ou o público – como duas ou mais identidades unidas por suas particularidades, por suas diferenças e idiossincrasias, mas, construir, pela intensidade deste encontro um espaço outro, um espaço de *acontecimento* onde a *autoria* estivesse diluída, ou antes, fosse desnecessário atribuí-la a qualquer dos sujeitos. Com efeito, o *acontecimento* não se produz nem pelo estabelecimento de uma relação hierárquica de proposição entre os elementos que o compõe nem por resultado de uma suposta pré-determinação, seja do artista, do público ou dos sujeitos anímicos envolvidos. Ele se produz pela potência do encontro, no espaço entre seus elementos.

Desta forma, os *acontecimentos* estão o tempo todo se produzindo nos encontros potencializados, independentemente da intencionalidade ou da vontade alheia de que sejam ou não produzidos. Cada *acontecimento* é pressionado e atualiza o que Barthes chamou de “mil focos da cultura”. Assim a produção literária poderia ser considerada um *acontecimento*, que produz um objeto artístico destituído de sujeito.

Da mesma forma que o escritor, o artista cênico, teria como possibilidade não a autoria, mas a composição com esses fluxos, somando-os, sobrepondo-os, esgueirando-os um no outro, negando-os, fugindo à procura do espaço *entre* eles, o espaço de tensão, de criação.

Este espaço de composição do artista cênico ou, mais focalmente, do *acontecimento* artístico não é senão o espaço ‘*presente*’, seja do ensaio de sala, seja da intervenção artística. É nesse espaço onde o artista vincula-se e é vinculado aos fluxos que o pressionam e que ele pressiona que se cria uma rede de atualizações única e específica daquele encontro, do que integra esse “entre”. *O artista* vincula-se, independente de personagem ou máscara. É só ele que pode, em primeira pessoa, compor com esta multiplicidade e construir em si um caráter performático, à semelhança do que dizia-nos Barthes quanto ao *performativo*.

Desta forma, o acontecimento artístico cênico pode distanciar-se da idéia de autoria, levantando em seu lugar, quando necessárias, hipóteses sobre a quais fluxos o artista cênico se vinculou para que aqueles objetos artísticos pudessem ser concretizados. O pensamento sobre a *autoria* do acontecimento artístico dá lugar à aceção de sua concretude como atualização de fluxos em espaços de intensidade artística.

Bibliografia

BARTHES, Roland. *A Morte do Autor*. In *O Rumor da Língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988. p.65-70

FERRACINI, Renato. *Café com queijo: corpos em criação*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

OIDA, Yoshi. *O Ator Invisível*. Colaboração de Lorna Marshal. Trad. Marcelo Gomes – São Paulo: Beca, 2001.